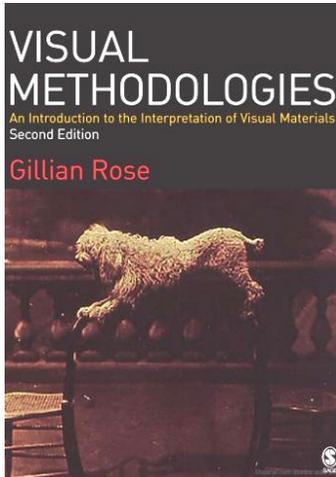


Visual Methodologies: an Introduction to the interpretation of Visual Materials¹

Tatiana Fecchio C. Gonçalves²

Resenha

ROSE, Gillian. *Sage Publications*, Grã Bretanha, 229 páginas. Segunda Edição publicada em 2007 (primeira impressão da primeira edição 2001). ISBN 978 1 4129 2190 9, ISBN 978 1 4129 2191 6 (pbk)



Fruto de Cursos de Cultura Visual ministrados por Gillian Rose nos anos de 1996, 1997 e 1998 na Edinburgh University, **Visual Methodologies: An Introduction to the interpretation of Visual Materials** foi escrito durante o ano de 1999 e publicado pela primeira vez em 2001, tendo sido reeditado no mesmo ano. Seguiram-se, depois, mais seis reimpressões, sendo esta resenha pautada na segunda edição de 2007. O livro ainda não está traduzido para o português³. Rose é professora de Geografia Cultural na *Open University* de Londres, desenvolveu seu bacharelado em Cambridge e o doutoramento em Londres, conforme currículo na página da *Open University*, onde lemos, em suas palavras:

...meu interesse de pesquisa atual se situa no campo da Cultura Visual. Estou interessada nas formas com as quais

¹ Metodologias Visuais: uma introdução à interpretação de materiais visuais, tradução livre do autor. A leitura deste volume faz parte dos estudos ao doutoramento em desenvolvimento no Instituto de Artes da Unicamp sob título "A Representação do Louco e da Loucura na Fotografia Autoral Brasileira do Século XX", com financiamento Fapesp e bolsa sanduiche em Londres pela Capes.

² Doutoranda em Artes na Universidade Estadual de Campinas/ Unicamp realizando estágio sanduiche em Londres Wellcome Trust Centre for the Study of Medicine/ UCL, Mestre em Artes/ Unicamp (2004), bacharel e licenciada em Educação Artística/ Unicamp (2001). Especialista em Arteterapia/ Unicamp (2003) e especialista em Artes e Novas Tecnologias na Universidade de Brasília/ UnB (2005).

³ Uma visualização parcial desta segunda edição em inglês pode ser encontrada *online* no GOOGLE Pesquisas de Livro Beta.

as subjetividades e as relações sociais são representadas ou tornadas visíveis em diferentes mídias, e como estes processos são fundamentados e se referem a relações de poder⁴. (THE OPEN UNIVERSITY)

Segundo a autora, o livro *Visual Methodologies* é destinado a alunos de graduação que "...tenham encontrado um intrigante material visual com o qual trabalhar, ou que desejem fazer algum trabalho sobre o tema, ou que estejam estimulados com a literatura da cultura visual e desejem fazer um projeto relacionado a alguns de seus argumentos"⁵ (ROSE, 2007, p.xiv). Ela complementa que embora existam inúmeros trabalhos que discutam as imagens visuais - interpretando o significado das imagens, ou enfocando algumas das práticas de construção dessa visualidade, agenciamento e circulação desses objetos, com enfoque estruturalista ou pós-estruturalista, mais alinhados ou mais distantes de abordagens como as da história ou dos estudos culturais - há uma grande variedade de abordagens que faz com que generalizações acerca dos estudos da visualidade sejam difíceis. Além dessa característica, a autora pontua que poucos desses trabalhos se dedicam a sistematizar as formas de pesquisa no campo, explicitando e estabelecendo os métodos de pesquisa da área. Assim, explicita o desejo de contribuir com uma sistematização, encorajando a interpretação de materiais visuais em "...pesquisas empíricas cuidadosas."⁶(ROSE, 2007, p.xiv).

O livro está dividido em doze capítulos: 1. Pesquisando Materiais Visuais: sobre uma metodologia visual crítica; 2. Como usar este livro; 3. 'O bom olho': olhando para figuras utilizando uma interpretação compositiva; 4. Análise de conteúdo: elencando o que você (pensa que) vê; 5. Semiologia: revelando os preconceitos que existem sob a lisa aparência do belo; 6. Psicanálise: cultura visual, prazer visual e descontinuidade visual; 7. Análise do discurso I: texto, intertextualidade e contexto; 8. Análise do Discurso II: instituições e maneiras de olhar; 9. Estudos de audiência: estudando como televisão é vista; 10. Uma abordagem antropológica: observando diretamente a vida social e os objetos visuais; 11. Fazendo fotografias como constituintes de um projeto de pesquisa: foto elucidção, foto documentação e outros usos da foto; 12. Metodologias Visuais: uma revisão⁷.

O primeiro deles é destinado a uma apresentação geral do escopo da proposta da autora e à contextualização deste no campo das pesquisas de cultura visual. Nele são apresentados os debates atuais sobre a teorização das produções visuais, os

⁴ Tradução livre do autor.

⁵ Tradução livre do autor.

⁶ Tradução livre do autor.

⁷ Títulos dos capítulos traduzidos livremente pelo autor.

motivos pelos quais é importante considerar essas imagens, por que é importante ser crítico em relação a elas e por que é importante refletir sobre essa crítica.

O capítulo 2 explica detalhadamente como o livro foi organizado e como melhor utilizar o volume, mostra, a partir do material que se possui, como é possível escolher entre determinadas abordagens. A autora pontua aqui sobre procedimentos éticos do pesquisador, postura e elementos de organização geral de pesquisa.

Entre os capítulos três e dez Rose apresenta e discute diversos métodos de abordagem das imagens - tais como a semiologia, a psicanálise, a análise do discurso, a análise de conteúdo -, assumindo a existência de diversas possibilidades de aproximação para a interpretação das imagens e refletindo sobre as qualidades e as limitações de cada uma delas. Ela exemplifica, em cada um desses capítulos, a aplicação dos métodos com um estudo de caso; para tanto escolhe uma determinada técnica de construção da imagem para cada um dos capítulos. Nesses capítulos sempre é retomada a proposição inicial do volume, ou seja, a verificação de como o método se comporta diante da seguinte questão "...o quanto útil é este método no atingir de uma metodologia crítica para as imagens visuais?" (ROSE, 2007, p.xv).

O capítulo final retoma os principais argumentos apresentados no decorrer do livro e discute sobre a possibilidade de utilização de mais de uma abordagem de pesquisa simultaneamente, evidenciando vantagens e riscos.

O volume apresenta também uma relação bibliográfica complementar de interesse para o campo das mídias visuais, dividida em: belas artes, fotografia, filme, propaganda, televisão, vídeo, mapas, imagens médicas e informações visuais. O livro também apresenta uma lista de termos-chave destacados em negrito no corpo do texto, quando da primeira citação, e relacionados nas páginas finais da publicação.

A maioria dos capítulos se dedica a metodologias qualitativas e não quantitativas (apenas um deles é destinado a esse tipo de pesquisa). Não está presente a discussão sobre o vídeo, imagens médicas ou mapas, priorizando as pinturas, fotografias, filmes e a mídia televisiva. Embora a autora diga que não "...há nada que deponha contra a aplicação dos métodos aqui discutidos a outros tipos de

imagens visuais e objetos”⁸ (ROSE, 2007, p.xv), a estrutura com a qual os exemplos são apresentados e os capítulos construídos não facilita essa abstração dos conceitos. Em certos capítulos, determinados materiais visuais são indicados como mais bem *interpretados* por aquela abordagem, sem serem completamente esclarecidos os motivos. Evidenciando questões particulares, constitui uma grande lacuna a ausência de análise dedicada, a materiais visuais não bidimensionais, como esculturas, instalações, ou aquelas derivadas de intervenções em espaços públicos. Mesmo a abordagem dedicada ao cinema, faz poucas referências às percepções complementares dessa mídia, que não apenas a visual, restringindo, seguramente, as discussões sobre significações possíveis.

Ao longo do volume a autora explicita uma série de pressupostos e definições a partir das quais constrói seu discurso. Inicia seu argumento discorrendo sobre a importância da imagem na sociedade moderna e pós-moderna, caracterizadas como culturas da visualidade, oculares, e para tanto recorre ao testemunho de diversos estudiosos⁹. Explicita a diferença entre modernidade e pós-modernidade, pontuando que na pós-modernidade a aderência anterior entre visualidade e verdade é desconstruída.

Ela diferencia a pesquisa que se debruça sobre imagens socialmente construídas e em circulação, tomadas para análise, daquelas que são resultado e fazem parte de metodologias de pesquisa, principalmente dentro do campo das ciências sociais. Em relação a esse último grupo pontua que se destacam questões éticas e de poder entre o pesquisador, o pesquisado e as imagens construídas, relações que devem ser observadas com cuidado.

Rose explicita, já no prefácio, que assume algumas escolhas e posturas que se farão perceptíveis no decorrer do livro; entre essas está o fato de considerar que a interpretação de imagens deve remeter ao seu significado cultural e de poder. Nesse sentido, ela fundamenta o que chama de *metodologia visual crítica*, entendendo por ‘crítica’ uma abordagem que considera o significado cultural, a prática social e as relações de poder constituídas no, e através do, elemento visual; ou seja, propõe refletir sobre as relações de poder implicadas na produção de um elemento visual, bem como as potenciais decorrências sociais deste. Aqui se

⁸ Tradução livre do autor.

⁹ Tais como Stuart Hall, J. Crary, H. Foster, Gordon Fyfe e John Law, John Berger, Martin Jay, Nicholas Mirzoeff, Barbara Maria Stafford, Richard Rorty, Judith Adler, John Urry, M. L. Pratt, Timothy Mitchell, Debora Poole, Guy Debord, Paul Virilio, Jean Baudrillard, J. F. Hamburger, D. Haraway, Maria Sturken e Lisa Cartwright, P. Hamilton, D. Pryce, David Harvey, David Morley, Roland Barthes, Ramamurthy, R. Doisneau, Mary Ann Doane, W J T Mitchel, Michael Ann Holly, Alfred Gell, Pierre Bordieu e Alain Dardel.

constituem três questões que configuram o escopo crítico deste volume: a reflexão sobre a importância de considerar as imagens visuais, a necessidade de ser crítico em relação a essas imagens e a importância de refletir sobre a crítica realizada como resultado das possibilidades de apreensão de um sujeito determinado. Numa metodologia visual crítica, portanto, deve-se estar atento à observação cuidadosa e séria da imagem, pensar nas condições sociais e efeitos dos objetos visuais e considerar a maneira de olhar do próprio pesquisador. No capítulo em que apresenta como exemplo uma pesquisa por ela mesma desenvolvida, é interessante observar como, em diferentes etapas da pesquisa, é possível refletir sobre a própria intervenção como pesquisador.

Simultaneamente a autora argumenta a favor da motivação do pesquisador, considerando-a como fundamental a toda a pesquisa. Nesse sentido, ela pontua que a mais intensa pesquisa das imagens visuais "...não depende inteiramente da sua metodologia" (ROSE, 2007, p.xvi), e continua "...depende do prazer, empolgação, fascinação, desejo, medo ou repulsa da pessoa olhando as imagens e então escrevendo sobre elas" (ROSE, 2007, p.xvi).

A autora também destaca na recente literatura cinco aspectos dos estudos da cultura visual, que são por ela considerados como relevantes na compreensão dos efeitos sociais dessas imagens e que devem, a seu ver, ser considerados: a forma com a qual as imagens explicitam ou tornam visíveis diferenças sociais; a consideração das imagens não apenas como elas se apresentam mas como são olhadas; a consideração do termo cultura não de forma genérica mas a partir da análise de quem faz, quem pode ver, de que forma pode ser visto, e quais efeitos um determinado trabalho gera, a fim de garantir a discussão sobre as diferenças sociais e as relações de poder que sustentariam essas diferenças; a consideração de que diferentes observadores terão das imagens diferentes interpretações e que, por fim, as imagens possuem uma atuação na cultura por elas mesmas, independentemente de outras mídias, como textos e títulos que as acompanhem. Segundo David Crouch, em resenha a este livro publicada em 2002, um dos pontos mais frágeis desta publicação seria a diminuída importância dada aos produtores, evidenciando as dinâmicas implícitas no momento de concepção das imagens, bem como depoimentos a respeito das obras e ao processo de construção dessas produções visuais. Não há como não vir à mente o texto de Barthes sobre *The Death of the Author* e imediatamente as ampliações feitas a essas discussões em *The Death and Return of The Author* organizado por Seán Burke; a presença e a autonomia da obra e a participação do autor são questões realmente muito

interessantes.

Nesse sentido o livro de Gillian abre uma série de decorrências metodológicas, questionamentos, algumas vezes dúvidas. Sendo inquisidor e gerando movimentos, cumpre a meu ver um papel importante de reflexão. A obra de Gilliam se constitui ao mesmo tempo um material polêmico, detonador de discussões, acusador de direções, e como uma excelente referência inicial para escolha de métodos de abordagem a serem utilizados dentro de uma pesquisa. Ela consegue expor com clareza a diferença entre eles e estabelecer algumas aproximações. Como indica leituras complementares, uma vez selecionado um viés, outras leituras podem levar ao aprofundamento do estudo das metodologias, o que constitui uma interessante característica deste volume.

Confrontando o livro de Gillian com o livro *Handbook of Visual Analysis* publicado também em 2001 sobre metodologias de análise das imagens, percebemos que, embora possuam uma estrutura geral muito semelhante, diferenciam-se grandemente pela acessibilidade da linguagem e pelo caráter didático do livro de Gillian. Enquanto na publicação de Leeuwen e Jewitt cada um dos capítulos, que se dedica igualmente a uma abordagem específica, é escrito por um especialista da área, o volume de Gillian é todo escrito por ela, imprimindo-lhe uma maior uniformidade de linguagem, estabelecendo no decorrer da apresentação das abordagens somatórias e comparações com as abordagens já apresentadas, retornando em termos semelhantes a discussões paralelas, o que facilita a comparação entre as abordagens.

Uma última característica positiva desta publicação é a importância dada à análise do papel do pesquisador como um dos elementos na pesquisa. Ela insistentemente retorna a essa autocrítica que desloca o pesquisador da posição tradicional científica de *detentor da verdade* para uma situação de construtor de uma possibilidade de leitura; evidenciando seu local de fala, devendo estar atento às suas apriorísticas (muitas vezes ao próprio pesquisador veladas), à sua compreensão como sujeito social localizado numa posição de contexto em relação ao seu objeto de estudo. Embora o livro possua, dentro da grande gama de intenções a que se pretende, algumas lacunas, fornece um primeiro contato com diferentes métodos de análise das imagens e seus pressupostos, localiza teoricamente seus escopos, aponta em cada um os principais conceitos, termos e etapas, fornece uma base crítica e ferramentas para que o aprofundamento desses

estudos possa ocorrer e principalmente incentiva um pesquisador ciente e crítico do próprio pesquisar.

Referências

BARTHES, Roland. *The Death of the Author in Image — Music — Text*, trans. Stephen Heath, 142-48. New York: Farrar, Straus and Giroux, Hill & Wang, 1977.

BURKE, Seán. **The Death and Return of the Author: Criticism and Subjectivity in Barthes, Foucault and Derrida**. Edimburg University Press, Second Edition, Edimburg, 1998.

CROUCH, David. Sage Journals online, 2002, Book Review: Visual methodologies in **Progress in Human Geography** 26: p.708-710, <http://phg.sagepub.com/cgi/reprint/26/5/708>. Acesso em 21 jan 2009.

GOOGLE Pesquisas de Livro Beta

<http://books.google.com/books?id=gnUPNcnYjclC&printsec=frontcover&dq=&lr=&hl=#PPP1,M2>. Acesso em 16 jan 2009.

LEEUWEN, Theo Van; JEWITT, Carey (Compilation and Introduction). **Handbook of Visual Analysis**. Sage Publications, 2001

THE Open University http://www.open.ac.uk/socialsciences/staff/people-profile.php?name=Gillian_Rose. Acesso em 30 out 2009.